

A Preservação da Lateral Alveolar na Coda: uma explicação possível

Maria Tasca*

ABSTRACT: Based on the variationist theory, this paper aims to broaden the discussion on the social motivations underlying the maintenance of some linguistic features. After presenting some results concerning the results of quantitative data studied in a research carried out in the state of Rio Grande do Sul on the use of the lateral consonant in coda, we claim, bearing in mind Wenger's postulates (1998), that there is a practice community whose strong ethnic trait is bound to be the main cause of the maintenance of the post-vocalic lateral.

RESUMO: Este artigo situa-se no âmbito da teoria variacionista e tem o objetivo de ampliar a discussão a respeito das motivações sociais que podem estar na origem da manutenção de certos traços lingüísticos. Após apresentar alguns resultados quantitativos referentes a uma pesquisa por nós desenvolvida no Estado do Rio Grande do Sul sobre o uso da lateral na coda, defendemos, com base em Wenger (1998), a existência de uma comunidade de prática, com um forte componente étnico, responsável maior pela preservação da lateral pós-vocálica.

Key words: lateral, maintenance, practice community.

Palavras chave: lateral, preservação, comunidade de prática.

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Introdução

No início da segunda metade do século XX, começou a tomar corpo o estudo de certas correlações observadas entre a língua e a sociedade. Nascia daí a sociolingüística. Contestando a noção monolítica de língua, defendida pelo estruturalismo iniciado por Saussure (1916) e depois pelo gerativismo inaugurado por Chomsky (1965), os sociolingüistas passaram a defender que as línguas apresentam diversidade de usos em todos os níveis de sua estrutura e que, essa diversidade pode ser estudada sincronicamente sob várias dimensões, mas principalmente sob o ponto de vista social (Bright e Ramanujan, 1974).

Estudar uma língua sem qualquer referência ao seu contexto social significa, segundo Trudgill (1986), omitir alguns dos mais complexos e interessantes aspectos da linguagem, impedindo o surgimento de novos enfoques teóricos. As pesquisas sociolingüísticas revelaram que toda língua constitui um sistema heterogêneo cuja complexidade precisa ser explicada.

Acreditando que a noção de heterogeneidade, ao contrário do que pensavam os estruturalistas e os gerativistas, não é incompatível com a noção de sistema, Labov (1966) propôs o desenvolvimento de um modelo teórico-metodológico adequado para quantificar os fatores que atuam na variação e/ou na mudança das línguas. Daí o surgimento da Teoria da Variação que permite examinar de modo sistemático e quantitativo, as correlações entre variações lingüísticas e fatores sociais.

Este artigo situa-se no âmbito da teoria variacionista e tem o objetivo de ampliar a discussão a respeito das motivações sociais que podem estar na origem da manutenção de certos traços lingüísticos.

Na primeira parte apresentam-se alguns resultados da análise quantitativa realizada a partir de uma pesquisa por nós desenvolvida, em 1999, em quatro comunidades do Rio Grande do Sul, sobre o uso da lateral na posição de coda.

Na segunda parte, buscam-se suportes na literatura, especialmente no conceito de *comunidade de prática* concebido por Wenger, para, finalmente, na terceira parte, indicar as motiva-

ções que estão na origem da preservação da lateral em duas cidades do interior do Estado: Panambi e Flores da Cunha.

A hipótese que subjaz à investigação é que, devido a fatores sociais, de modo especial devido a fatores étnicos, a lateral pós-vocálica tende a ser preservada no Rio Grande do Sul.

1- O uso da lateral na posição de coda

Para a realização da pesquisa, foram ouvidas oitenta entrevistas, com aproximadamente sessenta minutos de duração. Buscou-se identificar o uso da lateral em posição de coda, tendo em vista a possibilidade de o segmento apresentar três realizações: alveolar [l], velar [ɫ] ou semivogal [w].

As entrevistas das quais foram extraídos os dados da amostra foram gravadas e transcritas pela equipe das quatro universidades que organizou o Banco de Dados VARSUL (UFRGS, UFSC, UFPR e PUCRS), no início da década de noventa.

Computados os dados relativos ao conjunto das quatro comunidades étnicas estudadas (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), foram totalizadas 9914 ocorrências de contextos de lateral na coda. Com exceção de Porto Alegre, onde a vocalização da lateral já está em andamento, nos demais grupos a preservação da lateral revelou-se um fenômeno generalizado – ora como variante velar, ora como alveolar. Em vista disso, decidiu-se juntar os três grupos do interior (Flores da Cunha, Panambi e São Borja) e confrontá-los com Porto Alegre, a fim de verificar o desempenho da variável etnia e, ao mesmo tempo, obter uma radiografia do Estado.

Dentre as seis variáveis selecionadas pelo programa VARBRUL, a variável etnia apareceu em primeiro lugar, apresentando os resultados da tabela 1.

Tabela 1:
Grupo étnico (variável dependente: lateral velar ou alveolar)

capital			interior		
Ocorr.	%	prob.	Ocorr.	%	prob.
1328 / 2437	54	.00	7474/7477	100	.89

A tabela 1 considera os resultados referentes ao uso da lateral em suas variantes velar e alveolar, opondo Porto Alegre aos três grupos étnicos do interior do Estado. Os números que indicam a probabilidade de preservação da lateral mostram (.89) para o interior e (.00) para a capital. Enquanto no interior inexistem indícios de um processo de mudança da lateral para a semivogal [w], na capital este processo, como se disse, já está a caminho.

Os resultados da variável grupo étnico, portanto, indicam que a lateral pós-vocálica é uma característica do português falado no Rio Grande do Sul e parecem indicar também que isso se deve, sobretudo, à influência das diferentes etnias que compõem esta comunidade de fala.

Considerando a tendência à preservação generalizada da lateral nos grupos do interior do Estado, decidiu-se analisar, separadamente, essas comunidades. Mas agora já não se consideram as duas variantes da lateral (velar ou alveolar) de um lado e a semivogal de outro; antes, procura-se averiguar a preservação da lateral alveolar [l] em oposição à sua velarização [ʎ], uma vez que estas foram as duas realizações observadas no interior do Estado.

A preservação do alofone alveolar, em posição de coda silábica, na fala do Sul do País já, foi referida na literatura, principalmente por Câmara Jr. (1975, 1977b, 1977c) e também constatada por Espiga (1997) e pelo Projeto ALERS (no prelo).

A tabela 2 mostra esses resultados.

Tabela 2: grupo étnico (variável dependente: lateral alveolar)

S. Borja			F. da Cunha			Panambi		
oco.	perc.	prob.	oco.	perc.	prob.	oco.	perc.	prob.
548 /	24%	.14	1605 /	71%	.63	1905 /	77%	.76
2286			2274			2469		

Na tabela 2, tanto os números que indicam os percentuais quanto os que mostram o peso relativo, colocam as comunidades de Panambi e Flores da Cunha de um lado e a comunidade de São Borja de outro. Enquanto os núcleos de colonização alemã (Panambi) e italiana (Flores da Cunha) revelam-se altamente conservadores, o outro núcleo, o dos fronteirços (S. Borja) apresenta índices relativamente baixos de preservação da alveolar, fato que pode ser explicado pela não homogeneidade étnica deste grupo em relação aos demais. Comparando entre si os números da probabilidade ostentados por Panambi e Flores da Cunha, obtém-se uma diferença de treze pontos em favor dos alemães (.76) sobre os italianos (.63). De qualquer modo, a preservação da lateral alveolar é um dado característico dos falantes das regiões povoadas por alemães e italianos.

A interferência do fator étnico no comportamento lingüístico de regiões de contato já foi detectada por dezenas de estudiosos, dentre os quais, Labov (1972, 1980), Trudgill (1980), Mc Mahon (1996) e outros, inclusive em pesquisas realizadas no Rio Grande do Sul, citadas na seção três deste trabalho.

2- As motivações que subjazem às mudanças lingüísticas

Na busca de explicação para o desempenho de certas variáveis sociais, alguns sociolingüistas têm procurado centrar sua atenção nos valores, crenças, atitudes e sentimentos que estão arraigados em certos grupos sociais. Estes grupos tanto podem ser representativos de comunidades, de camadas sociais, de categorias profissionais, de etnias ou de outras especificações.

Labov (1972), no conhecido estudo sobre o processo de centralização dos ditongos [ay] e [aw], realizado em 1962, a partir de uma amostra de Martha's Vineyard, objetivando explicar os motivos que teriam levado os habitantes da ilha a reintroduzirem em sua fala um traço arcaico – conforme sua hipótese –, buscou obter respostas específicas no confronto entre a mudança dos sons e as forças sociais que afetavam profundamente a vida dos habitantes. Após analisar os resultados estatísticos referentes à distribuição geográfica, ocupação e etnia, ele afirmou que uma boa explicação dependia de um efetivo conhecimento da estrutura social e das pressões que motivavam a mudança em questão.

Na tentativa de confirmar uma possível conexão entre as variáveis sociais e a mudança lingüística, procurou obter o maior número de informações acerca da vida dos informantes, considerando, entre outros aspectos, o modo como eles encaravam a vida na ilha, sua história pessoal/familiar, os visitantes do continente que iam usufruir das belezas da ilha, as diferenças étnicas, a situação profissional, a vida econômica, a imagem que tinham de si e dos outros.

Com as informações obtidas, o autor pôde perceber que a adoção da variante decorria de uma atitude social, isto é, através dela, o falante se identificava e se valorizava como pertencente ao grupo de habitantes da ilha, opondo-se aos veranistas, cuja presença era interpretada como danosa à vida social e econômica do lugar. Desse modo, Labov indicou o padrão de significância social da centralização dos ditongos:

É evidente que o sentido imediato deste traço fonético é Vineyarder. Quando um homem diz [rɛyt] ou [hɛws], ele está inconscientemente indicando o fato de que ele pertence à ilha: que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence.

Assim, as drásticas mudanças sociais provocadas na ilha pelos turistas que para lá se dirigiam nas férias de verão tiveram conseqüências lingüísticas, dando origem à súbita propagação das variantes de menor prestígio, respectivamente, [ɛy] e [ɛw], cuja incidência foi observada entre os pescadores, os

quais foram apontados por Labov como os candidatos ideais para dar origem a inovações como as observadas, devido à grande capacidade que demonstravam em revelar desastrosa sua situação sócio-econômica. Labov observou, por outro lado, que a tendência à centralização era menor entre as pessoas que pretendiam abandonar a ilha para se fixar no continente.

Em outra investigação, também implementada no início da década de sessenta, Labov (1972) revelou que atitudes valorativas em relação a determinados padrões lingüísticos podem promover a mudança. Estudando o uso do /r/ na posição de coda no inglês falado na cidade de Nova Iorque, onde, em palavras como *car* e *card*, ora era pronunciado ora não, o autor constatou que, a partir da Segunda Guerra, a realização do /r/ tornou-se uma marca crescente na fala das pessoas da classe média alta. A súbita mudança foi explicada pelo pesquisador como um desejo de assimilar uma característica de outro dialeto, tido como padrão, falado pelos ingleses que chegavam a Nova Iorque durante a Guerra. Quer dizer, a realização do /r/ foi interpretada pelos falantes nova-iorquinos como um sinal de prestígio. O próprio autor, durante a pesquisa, obteve dos informantes a confirmação de que se tratava de um índice de superioridade para eles, principalmente para os mais novos. Tendo ampliado sua investigação, observou que o /r/ aparecia mais em situações de uso formal da língua do que nas de uso informal.

Ciente de que para explicar certos fenômenos de variação e mudança é necessário levar em consideração aspectos psico-sociais da linguagem, Labov (1972, p.3) afirma:

... é impossível compreender o desenvolvimento da mudança lingüística sem levar em consideração a vida social da comunidade onde ela ocorre. Em outras palavras, as pressões sociais operam continuamente, não apenas em algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente, agindo nos dias atuais.

A partir das conclusões de Labov, um grande número de pesquisadores buscou examinar as interferências causadas por fatores psico-socioculturais no uso lingüístico dos falantes.

Eckert (1995), por exemplo, ao analisar traços da linguagem de adolescentes, valeu-se do conceito de *comunidade de prática*. Antes, porém, de fazer referência ao estudo de Eckert, importa discorrer um pouco sobre este conceito.

O termo *comunidade de prática* tem origem nos estudos de Jean Lave e Etienne Wenger, conforme declara Wenger (1998). O conceito de prática, segundo Wenger, conota um fazer, mas não apenas um fazer em si mesmo, e sim, um fazer num contexto histórico e social que dá estrutura e sentido ao que é feito. Nesse sentido, prática é sempre prática social. De acordo com a autora, esse conceito de prática inclui tanto o explícito quanto o tácito. Inclui o que é dito e o que não é dito; o que é representado e o que é assumido. Inclui a língua, as ferramentas, os documentos, as imagens, os símbolos, as regras bem definidas, os critérios específicos, os procedimentos codificados, os regulamentos e os acordos de que práticas variadas são realizadas com uma variedade de propósitos. Além disso, inclui todas as relações implícitas, as convenções tácitas, as insinuações sutis, os comportamentos comunicativos não-verbais, as intuições reconhecíveis, as percepções específicas, as sensibilidades bem afinadas, os entendimentos corporificados, as pressuposições subjacentes, as visões de mundo compartilhadas.

Do ponto de vista dessa concepção, o termo *prática* é, às vezes, usado como antônimo para teoria, conceitos, ideais, discurso. Entretanto, defende Wenger, o uso do termo não supõe uma dicotomia entre o teórico e o prático, entre ideais e realidade ou entre o dizer e o fazer. Comunidades de prática incluem tudo isso, mesmo se algumas vezes há discrepância entre o que se diz e o que se faz, o que se aspira e o que se concretiza, o que se sabe e o que se manifesta. Cada pessoa tem suas teorias e suas maneiras de compreender o mundo e as comunidades de prática são lugares onde tudo se desenvolve, se negocia e se compartilha.

Mas, antes de definir as dimensões da prática como propriedades de uma comunidade, parece oportuno referir dois conceitos que são muito utilizados na obra de Wenger para bem caracterizar o sentido de uma experiência numa comunidade de prática: *participação* e *reificação*.

A *participação* supõe um duplo processo, isto é, de ação e conexão. Significa não apenas tomar parte de algo, mas também relacionar-se com os outros. É, pois, um processo ativo e de alta complexidade que inclui o fazer, o falar, o pensar, o sentir e o pertencer a. O participante é envolvido por inteiro, seu corpo, sua mente, suas emoções e suas relações sociais. Todos os tipos de relações, conflitantes ou harmoniosas, íntimas ou políticas, competitivas ou cooperativas. Nesta perspectiva, o engajamento com o mundo é social, mesmo quando, aparentemente, não se dá interação com outros.

Ligado ao conceito de participação está o conceito de *reificação*. Reificar significa materializar ou coisificar algo que por natureza não o é. Pelo recurso da reificação as pessoas projetam seus pensamentos no mundo e, desse modo, os percebem como existindo no mundo, como tendo uma existência própria. O conceito de reificação cobre uma vasta gama de processos como projetar, desenhar, representar, nomear, codificar, descrever, perceber, interpretar, usar, reusar, decodificar, modelar, remodelar. Segundo Wenger, a reificação, bem como a participação, não devem ser considerados processos isolados, pois eles se complementam, formando uma unidade em sua dualidade.

Retomando, agora, o sentido do termo *comunidade de prática*, como diz Wenger, nem tudo o que é designado pelo termo comunidade pode ser definido por prática. Do mesmo modo, nem tudo o que se designa por prática constitui uma comunidade. Para ela, associando *prática* e *comunidade*, é possível se obter uma melhor caracterização do conceito de prática e, além disso, definir um tipo especial de comunidade. Por isso o termo *comunidade de prática* tem que ser visto como uma unidade.

Da associação de *prática e comunidade*, a autora descreve três dimensões de relação através das quais a prática é fonte de coesão de uma comunidade:

- 1ª - engajamento mútuo
- 2ª - empreendimento comum
- 3ª - repertório compartilhado

Com relação à primeira característica, o *engajamento mútuo*, a prática existe porque as pessoas são engajadas em ações cujos significados são negociados uns com os outros. A prática reside numa comunidade de pessoas e nas relações de engajamento mútuo através das quais elas podem fazer o que quiserem. Uma comunidade de prática não é apenas um agrupamento de pessoas que se reúnem para determinados fins. Para existir uma comunidade de prática é necessário que as pessoas nela implicadas sustentem relações densas de engajamento mútuo. De acordo com Wenger, a coesão que transforma o engajamento mútuo em uma comunidade de prática requer um tipo de trabalho, isto é, o trabalho de manter a comunidade. Este é um aspecto intrínseco de qualquer prática. Todavia, não significa que este tipo de trabalho deva ser tão ou mais visível que outros aspectos da prática. Por outro lado, o engajamento mútuo não supõe que as pessoas devam ter as mesmas características, pois a diversidade é inevitável. O que importa é que suas aspirações, seus dilemas se conectem pelas relações que elas criam através do engajamento mútuo. O engajamento mútuo não acarreta homogeneidade; antes, cria relações entre as pessoas, independentemente dos conflitos, da miséria ou da harmonia e da paz. Portanto, uma prática compartilhada conecta os participantes, ainda que a diversidade e a complexidade permeiem o ser e o fazer de seus membros.

A segunda característica que garante a coesão da comunidade é um *empreendimento comum*. Wenger apresenta três aspectos deste empreendimento:

- a) é resultado de um processo coletivo de negociação que reflete a alta complexidade do engajamento mútuo;
- b) é definido pelos participantes num verdadeiro processo que visa alcançá-lo;
- c) não é um objetivo estabelecido, mas cria entre os participantes relações de responsabilidade mútua que se torna parte integral da prática.

Uma vez que o engajamento mútuo não requer homogeneidade, o empreendimento comum não supõe consentimento em termos absolutos. Em certas comunidades, a discordância pode ser vista como uma parte produtiva do empreendimento. O empreendimento é solidário não porque todos os participantes pensam do mesmo modo ou concordam em todas as coisas, mas porque existe uma negociação comunitária. É através da negociação que se buscam as condições, os recursos e as demandas que dão forma à prática. Negociando um empreendimento comum dá-se origem às relações de responsabilidade mútua entre os envolvidos. Essas relações de responsabilidade incluem o que interessa e o que não interessa, o que é importante e porque é importante e o que não é importante, o que fazer e o que não fazer, ao que dar atenção e o que ignorar, o que dizer e o que não dizer, o que justificar e o que desconsiderar, o que mostrar e o que esconder; além disso, incluem julgamentos a respeito do agir e do fazer, isto é, se estão de acordo com o esperado ou se necessitam de revisão. Definir um empreendimento comum é, então, um processo, antes que uma declaração estática. Ele produz relações de responsabilidade que não constituem restrições ou normas fixas. Essas relações não são manifestadas como conformidade, mas como habilidade para negociar ações com responsabilidade para o empreendimento.

A terceira característica da prática como fonte de coesão da comunidade é o desenvolvimento de um *repertório compartilhado*. O repertório de uma comunidade de prática inclui rotinas, palavras, ferramentas, modos de fazer coisas, histórias, gestos, símbolos, gêneros, ações ou conceitos que a comunidade tem produzido ou adotou no curso de sua existência e tem tor-

nado parte de sua prática. O repertório inclui tanto o aspecto de participação quanto o de reificação. Inclui ainda o discurso através do qual os membros criam sentenças significativas sobre o mundo, como também o estilo através do qual eles se expressam e expressam sua identidade como membros.

Ainda que de forma sucinta estão aí descritas as três dimensões que, segundo Wenger, constituem os pressupostos para se ter uma comunidade de prática. Deve ser entendido que a noção de *comunidade de prática* é diferente da noção tradicional de comunidade. Uma comunidade de prática é uma congregação de pessoas que busca um engajamento mútuo na direção de um empreendimento comum. Em outras palavras, o modo de fazer as coisas, de falar, os pensamentos, os valores e as relações diversificadas são práticas através das quais os participantes da comunidade buscam realizar um empreendimento comum.

O conceito de comunidade de prática, concebido por Lave e Werner, aqui explicitado a partir de Werner (1998), foi utilizado, como se disse, por Eckert (1995), para explicar a relação entre variáveis lingüísticas e processos sociais.

Eckert, inspirada no estudo de Martha's Vineyard, anteriormente referido, tendo como foco a variável [ay] usada numa área suburbana de Detroit, procurou, a partir de dados de um estudo etnográfico, coletados através de observação participativa, buscar informações sobre o modo de funcionamento da variação lingüística como recurso comunicativo. Segundo esta autora, ainda restam para explorar importantes questões sobre os limites do potencial simbólico da variação, tais como a relação entre o valor simbólico de uma variável e outra na mesma comunidade ou a motivação que subjaz a usos lingüísticos próprios de certas localidades.

Eckert defende a hipótese de que o uso real de variantes é parte da prática de comunidades e é no interior desta prática que as variantes adquirem sentido.

Sendo a amostra de Eckert constituída por adolescentes associados a duas categorias sociais (os *jocks* e os *burnouts*), foi possível à autora constatar que, enquanto os nomes de categorias como estas e os estilos específicos que as opõem (modo de

vestir, gosto musical, etc.) mudam através do tempo e das diferentes regiões, o status fundamental que sinaliza a oposição entre elas é virtualmente universal.

Todas as correlações sociais apresentadas pelo estudo de Eckert estão baseadas na fala de 49 *jocks* e *burnouts*, colegas da mesma escola, distribuídos em quatro células, considerando a variável sexo em cada um dos grupos.

Enquanto os *jocks* corporificaram a cultura da classe média, os *burnouts* corporificaram a cultura da classe trabalhadora.

Observando que na fala dos norte-americanos podem ser encontradas duas variantes para o ditongo [ay], Eckert diz que uma delas pode apresentar a elevação do núcleo como em Martha's Vineyard, enquanto a outra pode apagar o glide como ocorre no sul e em outros lugares. Ambas as variantes encontram-se em Detroit, ocorrendo em distribuição complementar, de acordo com o ambiente social, indicando que elas têm diferentes valores sociais.

Um aspecto da análise quantitativa do fenômeno revelou que a probabilidade de apagamento entre as meninas *burnout* (.476) superou a das *jocks* (.356), havendo uma correlação maior entre variação e categoria social entre as meninas do que entre os meninos. Este é um padrão que ocorre com outras variáveis na comunidade; isto é, está relacionado ao fato de que a afiliação a uma categoria social é mais restrita para as meninas do que para os meninos. A liderança dos meninos como um todo e das meninas *burnout* sobre as meninas *jock* sugere, segundo a autora, que o apagamento tem uma significação social complexa. Uma suposição plausível é de que esta variante possa estar associada de algum modo com autonomia. Enquanto os meninos *jock* estão bastante livres para estar ao lado dos *burnouts* e para explorar o comportamento destes, as meninas *jock* têm de se afastar do comportamento das *burnouts*, preservando sua imagem. Isso reflete as grandes restrições que a sociedade impõe ao comportamento feminino, em particular sobre as mulheres e meninas que aceitam as normas do recato feminino. As meninas *burnout*, por outro lado, são menos atingidas por essas normas e, sem dúvida, sua identidade como *burnouts*

envolve a rejeição de muitas dessas normas, especialmente as preconizadas pelos adultos para o comportamento dos adolescentes. O desdém das meninas *burnout* para o que elas consideram a dócil submissão das meninas *jock* à autoridade dos adultos tem levado muitas delas a exibir comportamentos extremados, como meio de defender sua própria autonomia.

Também os resultados probabilísticos referentes à elevação do núcleo do ditongo mostraram as meninas *burnout* liderando com ampla margem, não só as *jocks*, mas todos os grupos: meninas *burnout* (.788), meninas *jock* (.380), meninos *burnout* (.494) e meninos *jock* (.281). O desempenho das *burnouts* neste item parece reafirmar a hipótese da autonomia sugerida pela autora, há pouco referida.

Na opinião de Eckert, a unidade social de análise sociolinguística tem que ser um local de prática, podendo estar no conceito de comunidade de prática a intersecção entre interesse, atividade e ponto de vista que une grupos como os *jocks*, os *burnouts* e a comunidade de pescadores de Vineyard.

Os *jocks* e os *burnouts* emergem como comunidades de prática em resposta à escola, em decorrência de os dois grupos procurarem recursos para perseguir diferentes objetivos na escola. Os *jocks* constituem uma comunidade construída a partir da classe média, tendo como empreendimento mútuo integrar suas vidas com a escola. Já a rede social e os interesses dos *burnouts* residem na comunidade local e só parcialmente na escola, instituição que rejeitam.

A partir das características de suas redes sociais, os *burnouts* têm maiores oportunidades que os *jocks* para encontrar e usar variantes urbanas. Segundo a autora, essas variantes não seriam propagadas através da população, de pessoa para pessoa, mas adotadas e manipuladas pelas comunidades de prática na construção de um sentido local.

Concluindo seu estudo, Eckert traça um paralelo entre, de um lado, os *jocks* e os *mainland-oriented Vineyarders*, e, de outro, os *burnouts* e os *locally-oriented Vineyarders*. Em ambos os casos, o uso de variáveis fonológicas parecem refletir uma orientação quer para dentro quer para fora da comunidade.

Repetindo, pois, uma vez mais, explicar a variação ou mudança linguística implica, muitas vezes, ir além das motivações estruturais ou intrínsecas às línguas e utilizar outras variáveis psico-socioculturais que possam dar conta de atitudes, valores ou simbologias que permeiam certas comunidades de fala.

3- As motivações para a preservação da lateral

Na interpretação dos resultados obtidos na pesquisa sobre o uso da lateral no Rio Grande do Sul, conforme aparece na primeira parte, julgou-se pertinente relacionar o desempenho linguístico dos informantes de duas cidades do interior com os estudos de Labov (1972) e de Eckert (1995).

Deixando à margem os resultados obtidos pelo confronto entre a capital e o interior, já apresentados neste artigo (tabela 1), onde a probabilidade de preservação da lateral corresponde, respectivamente, a (.00) e (.89), e, levando em conta os números obtidos pelo confronto das comunidades do interior entre si (tabela 2), onde a tendência à preservação da variante alveolar coloca a cidade de São Borja (.14) em posição bastante desfavorável em relação à Flores da Cunha (.63) e Panambi (.76), parece oportuno retomar o comentário a respeito da atitude conservadora dos sujeitos destas duas comunidades do interior.

Em decorrência da argumentação que segue, julga-se plausível sugerir que as duas comunidades sob análise constituam duas *comunidades de prática* no sentido de Wenger (1998), e, como defendeu Eckert (1995), entende-se que é a partir da prática dos integrantes das comunidades que a preservação adquire sentido.

Tanto em Panambi, quanto em Flores da Cunha, a presença do imigrante europeu com suas tradições se faz sentir há mais de um século.

Panambi, cidade fundada por alemães, é uma cidade onde todos se conhecem e interagem entre si. Isto pode ser conferido em (1):

- (1) Aqui você passa por dez pessoas na rua e as dez te cumprimentam, né? Conhecidos, né? (Panambi, inf. 26)

Flores da Cunha, fundada pelos italianos, também é uma cidade onde todos se conhecem e parecem estar sempre em contato uns com os outros, como se pode depreender dos depoimentos:

- (2) Todo mundo conhece todo mundo. É tipo bar de cidade grande, né? (Flores da Cunha, inf. 21)
- (3) É uma cidade tranqüila, a gente conhece todo mundo, sabe? (Flores da Cunha, inf. 14)
- (4) Aqui, quando se vê gente estranha, pode contar que à noite estão assaltando por aí (Flores da Cunha, inf. 16)

O conhecimento das pessoas entre si referido pelos informantes, tanto de uma comunidade quanto de outra, não é um conhecimento superficial, e sim, de alta complexidade, do tipo do que existe nas *comunidades de prática*, isto é, um conhecimento produzido pelas relações densas de uns com os outros. Relações de todos os tipos, harmoniosas ou conflitantes, competitivas ou cooperativas, implícitas ou tácitas.

Importa lembrar que, no entendimento dos estudiosos das redes sociais (cf. Milroy, 1980), em comunidades onde todo mundo conhece todo mundo existe alta densidade e, onde há alta densidade, desenvolve-se um consenso normativo. Em comunidades pequenas e tradicionais do tipo de Panambi e Flores da Cunha, onde todos se conhecem, é de se esperar que exista uma grande pressão normativa, forçando as pessoas, ao menos aparentemente, a igualarem seus comportamentos, inclusive o comportamento lingüístico.

A par das manifestações sobre o conhecimento mútuo, há outras, principalmente em relação aos habitantes de Panambi, onde se afirma que, nesta comunidade, as pessoas são reservadas, dificultando o acesso aos que não pertencem à comunidade:

- (5) É uma comunidade muito introvertida, né? Então o pessoal que vem de fora se adapta mal (Panambi, inf. 15)
- (6) Em Panambi, existe muito dinheiro grosso, mas são um pessoal bastante reservado (Panambi, inf. 05)
- (7) O alemão é muito mais reservado, né? O brasileiro é mais amigo... (Panambi, inf. 14)

No entendimento de Wenger (1998) o conceito de *prática* pressupõe um fazer histórico e social, que inclui tanto o explícito quanto o tácito. Portanto, ao caracterizar os habitantes de Panambi como em (5), (6) e (7), indica-se um modo de ser que, tacitamente, é assumido pelos integrantes da comunidade, resultando num estreitamento entre eles, buscando distinguirem-se como indivíduos pertencentes a um grupo social singular. Esse assumir-se adquire o significado de adesão a tudo o que diz respeito às tradições da cultura alemã, adotando-as, ainda que inconscientemente, e traduzindo-as em seu pensar, em seu fazer e em seu modo de ser e de expressar-se. E a adoção do patrimônio sociocultural inclui também a adoção de traços lingüísticos, como o que se está aqui analisando.

Ainda de acordo com depoimentos dos entrevistados, há, nessas duas comunidades, o culto ao trabalho:

- (8) O alemão tem um lado positivo... que ele é muito trabalhador (Panambi, inf. 20)
- (9) meu filho mais velho puxou bem pra mim pra trabalhar (Panambi, inf. 14)

Dentre os aspectos que garantem a coesão em ambas as comunidades, pode-se dizer que o trabalho é um dos que mais pesam. Há nessas duas comunidades um empreendimento coletivo, um consenso em torno do que se pode designar de projeção, de construção de ideais comuns. Explícita ou implicitamente, o trabalho, nas suas mais variadas dimensões, aproxima as pessoas e as mantém próximas através de relações de responsabilidade mútua. O trabalho, como forma de engrandecer a comunidade, é um processo que, consciente ou inconsciente-

mente, permeia a vida dos habitantes. E, na dinâmica que se constrói em torno dos objetivos a serem alcançados, está incluído o trabalho de manutenção das características dos usos lingüísticos do lugar.

Em comunidades do tipo das que estão sendo aqui descritas, em geral, as relações de parentesco são muito densas, conforme declarações dos entrevistados:

- (10) Me criei aqui, né? Meus amigos são daqui, minha família é daqui (Flores da Cunha, inf. 15)
- (11) A minha mãe cuida de um sobrinho meu, filho do meu irmão que mora aqui do lado (Flores da Cunha, inf. 21)
- (12) A minha irmã mora aqui atrás (Flores da Cunha, inf. 01)
- (13) Meu irmão também está morando aqui (Flores da Cunha, inf. 10)

A referência a familiares que moram no mesmo lugar é uma constante. Em decorrência disso, observa-se que os membros dessas comunidades relacionam-se entre si em múltiplas dimensões, ou seja, relacionam-se como vizinhos, como familiares, como colegas de trabalho, etc. Nos estudos das redes sociais, essa multiplicidade de relações com as mesmas pessoas é designada pelo termo multiplexidade (cf. Bortoni, 1985). Esse convívio com as mesmas pessoas em diferentes situações do cotidiano, seguramente, é mais um fator a contribuir para o exercício da prática de manutenção das tradições, dentre as quais a tradição lingüística.

Do ponto de vista étnico, tanto em Panambi, quanto em Flores da Cunha, há depoimentos que revelam os elementos, as tradições ou as características dos alemães e dos italianos que povoaram as duas localidades:

- (14) Sabe que aqui (em Panambi) o pessoal rejeita muito gente de Palmeira das Missões e de Cruz Alta (cidades vizinhas). Ele (o alemão) pensa que só o alemão é que é bom. Isso aqui (Panambi) era uma sociedade fechada. Até hoje

eles (os alemães) aceitam mal gente de fora. Quando eu casei, chamaram meu marido, que é de origem italiana – de negro... foi um escândalo (Pan., inf. 21)

- (15) O costume nosso de fazer cuca, isto não faltava (Pan., inf. 05, referindo-se ao passado)
- (16) Cerveja eu sempre tenho em casa... isto vai pra mesa (Panambi, inf.14)
- (17) A tradição de manter o casamento ainda é forte... tem um ou dois casos de separação aqui na cidade (Flores da Cunha, inf. 21)
- (18) Todos os meus filhos, até a minha neta, apreciam o vinho (Flores da Cunha, inf. 10)
- (19) ... esses dias o meu filho me levou numa festa...tinha polenta (Flores da Cunha, inf. 05)

A questão étnica aparece em um grande número de pesquisas de caráter sociolingüístico (Chambers e Trudgill, 1980; Nawa, 1989 e outros), incluindo estudos desenvolvidos também no Rio Grande do Sul (Bisol, 1981; Schmitt, 1987; Quednau, 1993; Espiga, 1997 e outros).

Relativamente à preservação da variante alveolar da lateral em Flores da Cunha e Panambi, acredita-se, em função dos resultados quantitativos e da observação direta do pesquisador, que o fator étnico exerça acentuada influência na retenção da mudança.

Conforme os Milroys (1992), um forte senso de etnicidade ou de identidade freqüentemente cria e mantém normas lingüísticas e culturais localizadas. No caso das duas comunidades aqui investigadas, a manutenção da norma lingüística, ou mais especificamente, a manutenção da variante mais antiga da lateral pode estar associada à prática que, de forma consciente ou inconsciente, se exerce para manter o patrimônio étnico-lingüístico dos colonizadores.

Referindo-se ao patrimônio lingüístico, os informantes das duas comunidades fizeram declarações do tipo que seguem:

- (20) Nós conservamos muito o sotaque mais italiano, né? (Flores da Cunha. Inf. 18)
- (21) O sotaque, a pronúncia... o sotaque da gente fica, não adianta. É próprio, né? (Flores da Cunha, inf. 02)
- (22) Dá pra reconhecer o pessoal que vem de fora... pelo jeito deles de falarem que não é que nem nós (Flores da Cunha, inf. 21)
- (23) Nós falamos um sotaque um pouco diferente já pela própria influência da língua alemã, a nossa pronúncia é um pouco diferente... (Panambi, inf. 14)

Levando em conta os indicadores de probabilidade de preservação da lateral observados em Panambi e Flores da Cunha (cf. tabelas 1 e 2), e, considerando que, na variável faixa etária, os mais velhos preservam mais a variante alveolar do que os mais jovens que estão mais adiantados na implementação da variante velar, parece que essa diferença pode ser explicada pelo fato de os primeiros estarem mais comprometidos com o empreendimento de preservar os valores culturais da sua comunidade do que os outros. Em se tratando da manutenção do patrimônio lingüístico, os mais velhos revelam maior empenho do que os mais jovens, como se depreende dos depoimentos:

- (24) Nós em casa só falamos em alemão, quando nós éramos criança. Hoje eu e a esposa falamos em alemão. Os filhos, só se a gente meio obriga eles pra falar em alemão, se não, não falam (Panambi, inf. 13).
- (25) Tem essas pessoas idosas, tu tem que falar alemão com elas (Panambi, inf. 20).

Com relação às manifestações registradas em (24) e (25), há que se levar em conta, além da idade, as descobertas dos lingüistas que atuam na área da sociolingüística etnográfica, os quais, tendo por base os estudos desenvolvidos no âmbito das redes sociais (cf. Milroy, 1980; Milroy e Margrain, 1980; Milroy, 1992; Milroy e Milroy, 1985 e 1992; Bortoni-Ricardo, 1985, entre outros) entendem que o falante desenvolve um sistema de comportamento verbal semelhante ao do grupo o qual ele quer ser identificado.

Conclusão

A partir das características das duas localidades aqui referidas, é possível, então, concluir, dizendo, que há fortes indícios de que a preservação da lateral em Flores da Cunha e Panambi se deve a uma *prática* tacitamente compartilhada que move os integrantes das duas comunidades em direção aos valores étnicos. Em outras palavras, há um engajamento das pessoas em torno de um empreendimento comum, qual seja, a manutenção dos elementos sócio-lingüístico-culturais implementados pelos colonizadores das duas regiões. Nesse sentido, a motivação que subjaz à preservação da lateral pode ser explicada, à semelhança de Labov e Eckert, como uma orientação para os valores étnicos.

Ainda que neste trabalho o conceito de *comunidade de prática* tenha sido utilizado num sentido mais amplo do que o foi em Eckert, abrangendo uma cidade inteira e não um grupo específico da cidade, mesmo assim parece adequada sua utilização, uma vez que se observa nas localidades analisadas a existência dos pressupostos que caracterizam uma *comunidade de prática*, conforme o entendeu Wenger (1998).

É provável, no entanto, que uma nova amostra com faixas etárias mais estratificadas possa oferecer outras informações, como, por exemplo, o abandono progressivo da lateral pelos mais jovens. Esta hipótese baseia-se no fato de que, na amostra aqui analisada, dezoito informantes, entre as duas regiões, têm mais de cinquenta e seis anos; enquanto apenas nove têm menos de trinta e cinco. Além disso, o controle de fatores

como o papel da mídia, o ingresso crescente dos jovens na universidade, a linguagem utilizada pelos professores alfabetizadores, entre outros, também poderiam contribuir para o melhor conhecimento do fenômeno lingüístico aqui analisado.

Referências Bibliográficas

- BISOL, L. (1981) *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (1985) *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: University Press.
- BRIGHT, W.; RAMANUJAN, A. K. (1974) Sociolinguistic variation and language change. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. *Sociolinguistics*. Middlesex: Penguin Education, p. 157-166 (a 1ª publicação deste texto foi em 1964).
- CÂMARA Jr. (1975) *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____. (1977b) *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____. (1977c) *Manual de expressão oral e escrita*. Petrópolis: Vozes.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. (1980) *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press.
- ECKERT, P. (1995) (ay) goes to the city: exploring the expressive use of variation. In: GUY, G. R. et al. (eds.). *Towards a social science of language - papers in honor of William Labov*. Philadelphia: John Benjamins, 1v.
- ESPIGA, J. W. R. (1997) *Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira*. Pelotas. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas.
- LABOV, W. (1966) *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center of Applied Linguistics.
- _____. *Sociolinguistic patterns*. (1972a) Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____. (1980) The social origins of sound change. In: _____. *Locating languages in time and space*. New York: Academic Press, p. 251-265.
- MCMAHON, A. M. S. (1996) *Understanding language change*. New York: Cambridge University Press.
- MILROY, J. (1992) Linguistic variation and change: on the historical sociolinguistics of English. Oxford: Basil Blackwell.
- MILROY, J.; MILROY, L. (1985) Linguistic change, social network and speaker innovation. *Journal of Linguistics*, n. 21, p. 339-84.
- MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 1980a.
- MILROY, L.; MARGRAIN, S. (1980b) Vernacular language loyalty and social network. *Language in society*. Cambridge University Press, v. 9, n.1, p. 43-70.
- MILROY, L.; MILROY, J. (1992) Social network and social class: toward an integrated sociolinguistic model. *Language in Society*, Cambridge, n.21, p. 1-26.
- QUEDNAU, L. R. (1993) *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SAUSSURE, F. (1972) *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot. A primeira edição saiu em 1916.
- TASCA, M. (1999) *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Porto Alegre (Tese de Doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- TRUDGILL, P. (1986) *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. England: Penguin Books, (a 1ª publicação foi em 1974).

_____. (1995) Dialect typology: isolation, social network and phonological structure. In: GUY, G. R. et al. (Eds). *Towards a social science of language - papers in honor of William Labov*. Philadelphia: John Benjamins, p. 03-21, v.1.

WENGER, E. (1998) *Communities of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge University Press.

Publicações periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Boletim informativo - *Mensal*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa
Trimestral
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria-
Trimestral
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação -*Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS, Brown University e Ed. Mercado Aberto - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Sem periodicidade
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Sem periodicidade
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia- *Semestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA DA FAMECOS**
Revista da Faculdade de Comunicação Social - *Semestral*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Anual*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina - *Anual*